



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

A CRÍTICA TEXTUAL: O ERRO DA SUPREMACIA DO CRITÉRIO CRONOLÓGICO

“Assim diz o Senhor: Põe-te no átrio da casa do Senhor e dize a todas as cidades de Judá, que vêm adorar na casa do Senhor, todas as palavras que te mandei que lhes dissesses; não omitas nenhuma palavra.” (Jeremias 26:2)

Já há algum tempo que tenho gastado tempo estudando a questão da Crítica do Texto e certamente, este assunto só deixará de ser apreciado de nossa parte à partir do momento que deixarmos este tabernáculo (II Coríntios 5:4; II Pedro 1:13). Minha principal preocupação com relação às obras citadas em artigos sobre o tema como, por exemplo, a obra *“Variantes Textuais do Novo Testamento Grego”*, por Richard Omanson, diz respeito ao que encontrei na página xi, parágrafo 3, que reza:

A crítica textual não se preocupa com a inspiração do Novo Testamento e não trata da questão se os textos originais continham erros de conteúdo ou não. Os manuscritos originais não existem mais. Os únicos manuscritos de que dispomos hoje são cópias de cópias¹.

O que observamos é que os Críticos de Texto não lidam com o texto do Novo Testamento de maneira diferente como lidaria com qualquer outro. Além disso, a moderna crítica textual não *“trata da questão se os textos originais tinham erros de conteúdo ou não”*, isto é, os críticos de texto não descartam a possibilidade de erros, inclusive nos autógrafos! E isso é uma heresia! Ora, a única família de manuscritos que de fato tem demonstrado superioridade é a Família XXXV de Manuscritos, sendo, portanto, a única linha de sucessão dos testemunhos manuscritos, consistindo no texto tipo Bizantino, muito bem fundamentado e defendido pelo Dr. Wilbur Norman Pickering, ao invés dos códices *Vaticanus*, *Alexandrinus* e *Sinaiticus*, como vemos nos seminários mundo a fora.

O critério da antiguidade do códice para determinar sua validez e fidelidade aos autógrafos não é suficiente. Pensemos hipoteticamente: se daqui a mil anos a mais antiga versão bíblica que sobreviver for uma *TNM - Tradução do Novo Mundo*, o critério da supremacia cronológica permanece? O que determina a fidelidade seria o uso não apenas pelos daquele grupo (no caso as *“testemunhas”* de Jeová), mas pelos outros? Certamente, este é um critério mais forte. Ora, sabemos que outras versões são utilizadas pela igreja cristã que não são a *TNM* e isso é o que tem acontecido. O critério da supremacia cronológica tem sido o fator que determina proximidade aos autógrafos, o que de fato não significa nada; significa apenas antiguidade temporal e

¹ (OMANSON, Richard L. *Variantes Textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”*)



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

não fidedignidade objetiva. O que deve determinar é o uso do texto em lecionários, manuscritos e códices entre os leitores e os copistas. E isso apenas é encontrado na Família XXXV dos manuscritos.

Também adquiri há alguns anos a Teologia Sistemática do Dr. Norman Geisler; meu “tutor virtual” e também não pude concordar totalmente com sua posição relacionada à Crítica de Texto. Ora, se a crítica de texto tem o objetivo de “*aproximar-se o máximo possível dos autógrafos*”, deve-se levar em consideração quais linhas sucessórias foram mais copiadas, pois, aqueles que tinham mais possibilidade de manter o texto puro, o fizeram com a maestria que nenhum conchavo dos críticos de texto modernos poderiam fazer. Certamente, toda e qualquer tentativa de estabelecer a superioridade de uma variante tendo a cronologia como critério absoluto não é suficiente, mas é desleal; o fato de tais códices jamais ter sido usado (ou serem usados mui raramente) pelos que foram anteriores a nós é, também, fundamental para distinguirmos as cópias espúrias das Escrituras. A antiguidade de um tipo de texto quando comparada com o fato de não ter sido usada pelos cristãos como cópia fiel, finda sendo um argumento contrário a tal tipo de texto.

Um breve exemplo é o que podemos dar do *Codex Sinaiticus*, que estava na lixeira do convento de Santa Catarina e estava sendo utilizado como lenha para a fogueira. Este relato foi dado na obra de David Cloud em “*Modern Bible Versions*”. Certamente o uso (ou o não-uso) de um determinado manuscrito ou tipo de texto presente nos códices ou até mesmo em lecionários, deve ser também considerado pois, os nossos predecessores possuíam mais ferramentas para se chegar a este texto autógrafo. E assim como aqueles desprezaram os três principais códices, os quais são utilizados em nossas traduções e edições modernas do Novo Testamento, devem ser igualmente abandonados.

Portanto, o critério cronológico é vazio em si mesmo e não é sinal de superioridade; apenas no dicionário de Westcott, Hort, Nestle e Aland é que “*antiguidade*” tornou-se sinônimo de “*fidedignidade*”. Se o objetivo da crítica textual é chegar, através de seus pressupostos, ao texto mais próximo dos autógrafos, significa dizer que nas Escrituras, tais quais temos hoje, há palavras que são vinda de Deus, mas o pior de tudo, é que, para a crítica moderna, há também palavras que não são vindas de Deus. A pergunta é: quem determina o que é e o que não é a palavra de Deus? A resposta: o crítico de texto, pois é este quem determina o aparato crítico de seu Novo Testamento Grego. Para mostrar como tem sido tratada a questão por tais críticos, cito novamente a obra de Roger Omanson, na qual lemos, na nota de rodapé número 20, pág. xxix:

Brown, *An Introduction to the New Testament*, p. 52. Esse assunto, todavia, pode ser encarado de um ponto de vista diferente. Segundo Epp, cada um dos mais de 5.300 manuscritos do NT Grego e dos 9.000 manuscritos de versões, dos quais não existem dois que sejam exatamente idênticos, “foram considerados como tendo autoridade -, e portanto, vistos como sendo canônicos - e usados no



COMBATA

COMISSÃO BATISTA DE TEOLOGIA & APOLOGÉTICA

“A Razão da Esperança que há em nós” (I Pedro 3:15)

culto e nas atividades de instrução de uma ou mais das milhares de igrejas espalhadas pelo mundo” (“Issues in the Interrelation of the New Testament Textual Criticism and Canon”, in *The Canon Debate* [ed. Lee Martin McDonald e James A. Snaders; Peabody, Mass: Hendrickson, 2002]. Elliott disse algo semelhante: “os eruditos estão cada vez mais se dando conta de que cada um dos manuscritos do Novo Testamento era a Escritura canônica, utilizada e vivida por aqueles que possuíam aquela cópia - até mesmo leituras que não tem paralelo ou que, segundo a erudição moderna, são consideradas secundárias, eram o texto bíblico daqueles cristãos.” (“The case for Throughgoing Eclecticism”, in *Rethinking New Testament Textual Criticism*, p. 124)².

Se observarmos bem, quem determina o que é válido nas Escrituras são os seus leitores; os leitores são os juízes sobre as Escrituras e não o inverso, que é o que deveria acontecer. É muito preocupante darmos aos críticos de texto tão grande autoridade. Talvez, alguém nos questione: “*mas os críticos de texto, conforme lemos acima, estão levando em consideração o uso corrente destas versões.*”. No entanto, não diz respeito a mesma coisa; quando os críticos falam que algum tipo de texto era a escritura canônica para os cristãos, significa dizer que “*até mesmo leituras que não tem paralelo ou que, segundo a erudição moderna, são consideradas secundárias, eram o texto bíblico daqueles cristãos*”, ou seja, os cristãos consideravam como fonte de autoridade para suas vidas espirituais, ou pior, consideravam a como sendo Palavra de Deus, a um texto que “*segundo a erudição moderna, são consideradas secundárias*”, ou seja, não é Palavra vinda de Deus, mas, acréscimo de copistas.

Que sejamos apegados aos velhos caminhos, velhas veredas, dos manuscritos cuja família de testemunhos é apoiada não apenas pelo critério do tempo, mas pelo critério do uso comum entre a comunidade dos cristãos e pela superioridade numérica dos testemunhos, visto que mais de 99% dos manuscritos existentes apoiam a família XXXV. Você pode obter mais informações sobre o tema com um bom texto do Novo Testamento Grego o “*The Greek New Testament According to The Family XXXV*” de Wilbur Norman Pickering; disponível em PDF gratuitamente para todos os que se interessam por este assunto.

ÍCARO ALENCAR DE OLIVEIRA
Primeira Igreja Batista da Promessa
Rio Branco - Acre - Brasil
E-mail: poetaprofeta@gmail.com

² (IBID, xxix)